

© Dinalivro, Lev Semenovitch Vygotsky e João Pedro Fróis, 2012

Título original: *Voobrajenie i Tvorchestvo v Detskom Vozraste. Psikhologicheskii Oчерk*. Moscovo: Gosizdat (1930). (Воображение и Творчество в Детском Возрасте. Психологический очерк. Москва: Госиздат)

Título: *Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia*.

Autor: Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934)

Tradução do russo, introdução e notas de João Pedro Fróis

Revisão: Alexandre Franco

Capa: Cítrica Design

Paginação: Mário Félix - Artes Gráficas

ISBN: 978-972-576-616-3

Depósito legal: 000 000/12

1.ª edição: Outubro de 2012

Impressão e acabamento: Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda

Todos os direitos reservados para Portugal por
DINALIVRO

Rua João Ortigão Ramos, n.º 17-A

1500-362 LISBOA PORTUGAL

Tel. 217 122 210/217 107 081/84 - Fax 217 153 774

E-mail: editora@dinalivroedicoes.com

info@dinalivro.com

COLEÇÃO RAZÕES DE SOBRA, n.º 3



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

CAPÍTULO 1

CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Qualquer ato humano que dá origem a algo novo é referido como um ato criativo, independentemente do que é criado: pode ser um objeto do mundo exterior ou uma construção da mente ou do sentimento que vive e se encontra apenas no homem. Se observarmos o comportamento do homem e toda a atividade que desenvolve, com facilidade reparamos que podemos distinguir dois tipos de atividade. A primeira, que podemos designar de reprodutiva ou reprodutora, está associada, de modo intrínseco, à nossa memória; a sua essência consiste no facto de o homem reproduzir ou repetir modos de comportamento já anteriormente elaborados e produzidos ou ressuscitar traços de impressões anteriores. Quando me lembro da casa onde vivi na minha infância, ou de países distantes que visitei no passado, estou a reproduzir os traços daquelas impressões absorvidas na infância ou durante as viagens. Do mesmo modo, quando desenho a partir da natureza, escrevo ou faço algo segundo um modelo, em todas estas situações reproduzo apenas o que está perante mim, ou o que foi por mim anteriormente assimilado e elaborado. Em todos estes casos, o denominador comum é o facto de que a minha atividade não cria nada de novo, tão-só é baseada numa repetição mais ou menos cuidadosa de alguma coisa já existente.

Compreende-se assim facilmente a importância que tem para a vida do homem a conservação da experiência anterior, na medida em que facilita a sua adaptação ao meio exterior, criando e elaborando hábitos regulares que se repetem em condições análogas.

A base orgânica desta atividade reprodutora, ou memória, é a plasticidade da nossa substância nervosa. Designa-se por plasticidade a propriedade de uma qualquer substância que possui a capacidade de se alterar e de conservar os vestígios dessa alteração. Assim, diremos que a cera é mais plástica do que a água, ou do que o ferro, porque facilmente se sujeita à transformação, conservando melhor do que a água os vestígios das suas modificações. Somente estas duas qualidades, tomadas juntas, constituem a plasticidade da nossa substância nervosa. O nosso cérebro e os nossos nervos, providos de uma enorme plasticidade, modificam com facilidade a sua estrutura delicada sob a influência destas alterações, ou outras ações, conservando os seus vestígios sob determinada condição: que as ações sejam suficientemente fortes ou se repitam com bastante frequência. No cérebro ocorre algo semelhante ao que acontece com a folha de papel quando a dobramos ao meio; no lugar da dobra fica a marca da dobra – resultado da modificação produzida; a marca da dobra ajuda a repetição futura dessa mesma modificação. Basta soprarmos a folha para que ela dobre no mesmo sítio, onde ficou a marca da dobra.

O mesmo acontece com a marca deixada pela roda na terra mole: forma-se um trilho que fixa as modificações efetuadas pela roda ao passar na terra e que facilitará no futuro passar por ali novamente. No nosso cérebro, as

excitações nervosas fortes ou frequentemente repetidas produzem trilhos semelhantes.

Deste modo, o cérebro revela-se um órgão que conserva a nossa experiência anterior e simplifica a sua repetição. No entanto, se a atividade cerebral se reduzisse apenas à conservação da experiência passada, o homem seria uma criatura capaz de se adaptar com preponderância às condições constantes e habituais do meio exterior. Quaisquer novas e inesperadas transformações no meio, que não tivessem sido operadas anteriormente na experiência do homem, não seriam capazes de causar nele a necessária reação de adaptação. A par destas funções de conservação da experiência anterior, o cérebro está dotado de uma outra função não menos importante.

Além da atividade reprodutora, é fácil notar no homem outro tipo de atividade que combina e cria. Quando eu, por imaginação, desenho um quadro do futuro, digamos, a vida do homem na sociedade socialista, ou um quadro de uma parte da vida passada e da luta do homem pré-histórico, em ambos os casos, não repito impressões vividas por mim outrora. Não restabeleço simplesmente os traços de excitações nervosas pretéritas que chegaram ao meu cérebro; na realidade, eu nunca vi fosse o que fosse nem desse passado, nem desse futuro, e, no entanto, posso imaginá-lo, formar uma ideia, uma imagem ou um quadro.

A atividade do homem que não se confina à reprodução das experiências ou de impressões vividas, mas que cria novas imagens e ações, pertence a esta segunda função criadora ou combinatória. O cérebro não é apenas um órgão que se limita a conservar e reproduzir a

nossa experiência passada, ele é igualmente um órgão combinatório, que modifica criativamente e cria, a partir dos elementos da experiência passada, novas situações e novos comportamentos. Se a atividade do homem se reduzisse apenas à reprodução do passado, então seria uma criatura orientada somente para o passado e incapaz de se adaptar ao futuro. É precisamente a atividade criadora do homem que desperta a sua essência que está orientada para o futuro, tornando-o criativo e modificando o seu presente.

À atividade criadora baseada nas capacidades combinatórias do nosso cérebro, a psicologia chama imaginação ou fantasia. Em geral, não é costume entender-se os conceitos imaginação e fantasia da mesma forma que a ciência os interpreta. Na sua aceção comum, imaginação e fantasia designam tudo o que é irreal, o que não corresponde à realidade e, portanto, sem qualquer valor prático. De facto, a imaginação, como fundamento de toda a atividade criadora, manifesta-se de igual modo em todos os momentos da vida cultural, permitindo a criação artística, científica e tecnológica. Neste sentido, definitivamente, tudo o que nos rodeia e foi concebido pela mão do homem, todo o mundo da cultura, ao contrário do mundo da natureza, tudo isto é o resultado da criatividade e imaginação humanas.

«Toda a invenção», diz Ribot, «grande ou pequena, antes de se realizar de facto e de se fortalecer, foi concebida exclusivamente pela imaginação, como uma estrutura elaborada pela mente através das novas combinações ou conexões.

«[...] Não sabemos quem realizou a maior parte das invenções; preservaram-se apenas alguns dos nomes de

grandes inventores. A imaginação é sempre revelada em todas as circunstâncias, qualquer que seja o modo como é apresentada: individualmente ou em grupo. Para que o arado, que no passado não foi mais do que um simples bocado de madeira com um cabo queimado, se transformasse, a partir deste tosco instrumento manual, no que é hoje, após uma série de modificações, descritas em manuais especializados, quem sabe avaliar quanta imaginação foi necessária? De igual modo, as chamas frágeis dos ramos resinosos dos pinheiros, que serviram de archote para o homem primitivo, servem de exemplo para uma longa linha de invenções até se chegar à iluminação a gás ou à iluminação elétrica. Todos os objetos do nosso quotidiano, não excluindo os mais simples e habituais, são, por assim dizer, imaginação cristalizada.»

A partir daqui é fácil depreender que a nossa representação usual sobre a criatividade não corresponde ao sentido e à compreensão científica desta palavra. Na sua aceção habitual, a criatividade é privilégio e dom de seres eleitos, génios, talentos, dos que criaram grandes obras artísticas, daqueles que realizaram grandes descobertas científicas e inventaram aperfeiçoamentos importantes na área da tecnologia. Reconhecemos e admitimos de modo claro a criatividade inerente à obra de Tolstoi, de Edison e Darwin, mas aceitamos que na vida do homem comum a criatividade não existe.

No entanto, como já dissemos, este tipo de conceção sobre o assunto é erróneo. Segundo a comparação de um dos cientistas russos, a eletricidade atua e manifesta-se não apenas no local onde ocorre uma grandiosa tempestade ou na luminosidade dos relâmpagos ofuscantes, mas também na lâmpada da lanterna de bolso; de igual modo,

existe criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado com as realizações dos génios. Se tomarmos em atenção a existência da criatividade coletiva, que reúne todos estes contributos por si só insignificantes da criatividade individual, compreende-se melhor como grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade pertence precisamente ao trabalho criativo e coletivo anónimo de inventores desconhecidos.

A maior parte das invenções foram realizadas por desconhecidos, como a propósito deste assunto sublinhou Ribot. A compreensão científica deste problema obriga-nos a tratar a criatividade mais como uma regra do que como uma exceção. É certo que as manifestações superiores da criatividade são até hoje apenas acessíveis a um grupo de génios eleitos da humanidade, mas no dia a dia a criatividade constitui-se como condição necessária para a existência e tudo o que ultrapassa os limites da rotina, mesmo uma pequeníssima quantidade de novidade, é devida ao processo criativo humano.

Se compreendermos a criatividade deste modo, então é fácil notar que os processos criativos se observam já em toda a sua intensidade na primeira infância. Uma das questões mais importantes da psicologia da educação é o problema da criatividade, do seu desenvolvimento e promoção, e do significado da atividade criativa para o desenvolvimento geral e a maturação da criança. Na primeira infância encontramos processos criativos que se manifestam sobretudo nos jogos. O rapaz que cavalga um pau imagina que monta um cavalo, a menina que brinca com a boneca imagina-se como mãe dela, a criança

que no jogo se transforma em ladrão, em soldado ou em marinheiro... todas estas crianças que brincam são exemplo genuíno e real do próprio processo criativo. É evidente que nos jogos as crianças reproduzem muito do que viram. Todos sabemos qual a importância que o papel da imitação desempenha na atividade lúdica. O jogo da criança serve com frequência apenas como reflexo daquilo que ela viu e ouviu dos mais velhos; no entanto, estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzem no jogo do mesmo modo como na realidade se apresentaram. O jogo da criança não é uma simples recordação do que viveu, é antes uma reelaboração criativa das impressões já vividas, uma adaptação e construção, a partir dessas impressões, de uma nova realidade-resposta às suas exigências e necessidades afetivas. A propensão das crianças para o devaneio e para a fantasia é resultado da atividade imaginativa, tal como acontece na sua atividade lúdica.

«O menino de três anos e meio», diz Ribot, «ao ver um homem a coxear na rua, diz:

– Mamã, olha para a perna deste pobre coitado!

Depois começou a romancear o que via: ele montava num cavalo muito alto, caiu em cima de um penhasco enorme e machucou muito a perna; é necessário encontrar um remédio para curarmos a perna.»

Neste caso, a atividade combinatória da imaginação é extraordinariamente evidente. Temos perante nós uma situação criada pela própria criança. Todos os elementos desta situação são conhecidos da criança da sua experiência anterior; de outro modo, não poderia ter criado tal situação. Todavia, a combinação destes elementos constitui algo de novo, resulta da atividade criativa que

pertence à criança e não é mera reprodução daquilo que ela teve oportunidade de observar ou de ver. A capacidade de elaboração e de construção a partir de elementos, de combinar os elementos velhos em novas combinações, constitui o fundamento do processo criativo.

Com total razão, muitos autores assinalam que as raízes de tal combinação criativa podem também ser observadas nos jogos de alguns animais. O jogo do animal é também, com frequência, resultado da imaginação motora. No entanto, tais rudimentos da imaginação nos animais não puderam, dadas as condições da sua existência, enveredar por um desenvolvimento seguro e consistente, e só o homem desenvolveu esta forma de atividade ao nível que nele hoje se apresenta.